

Este paper é apresentado à Diretora de Ensino do IJUSC como pré-requisito para avaliação semestral do processo de Formação para Analista Junguiano.

Candidata: Maria do Carmo de Souza

Paper 7 – Florianópolis, 28 de maio de 2023.



A ANGÚSTIA DA ÚLTIMA SESSÃO

*“A alma é uma borboleta... Há um instante em que uma voz nos diz
que chegou o momento de uma grande metamorfose...”
(Rubem Alves)*

Psicologia e Poesia possuem a mesma matéria prima. Ambas se utilizam de símbolos, metáforas e atos criativos para permitir a expressão da alma humana. Esta, por ser considerada o principal objeto da Psicologia Analítica, precisa não só de um espaço acolhedor, como também de uma outra alma que possibilite uma conexão, semelhante a fecundação de um óvulo que anseia pelo nascimento.

Ao ler o livro de Nice Luconi (2023), encontrei em seu poema, denominado “Psicoterapia, a última sessão”, subsídios que me inspiraram a desenvolver este tema, que é um assunto delicado na relação terapêutica, porém muitas vezes inadiável, quando a experiência transferencial não estiver mais atendendo as necessidades da análise.

A individuação nos leva a confrontar-se com situações que nos instigam a tomar atitudes que muitas vezes geram angústia. Esse desconforto pode remeter a episódios anteriores ainda não elaborados a nível psíquico, mas que precisam ser revisitados e transformados, para abrir espaço ao novo. É no *setting* terapêutico que se busca o apoio para esta transição, considerando que “a pessoa é um sistema psíquico, que, atuando sobre outra pessoa, entra em

interação com outro sistema psíquico” (Jung, OC 16/1 § 1) visando, conforme declara este mesmo autor, “uma ligação química [...] afinidade”. A partir desta união é que pode acontecer o encontro analítico e conseqüentemente, a fluidez anímica para a transmutação dos conflitos internos mais obscuros.

Muitos desses conflitos têm origem nos complexos parentais, onde estes exercem um papel primordial. No *setting* terapêutico, a figura do analista recebe as projeções destes complexos, possibilitando ao paciente elaborar seus conteúdos inconscientes. Para tanto, é preciso que a transferência¹ seja elaborada no sentido de libertar os afetos contidos nos complexos e provocar a transformação da personalidade.

Mesmo que a terapia tenha sido satisfatória e atendido as necessidades do paciente, em certo momento algum complexo pode ser constelado e resultar em conflito na relação terapêutica. Seguindo as ideais de Gambini (2008), há no *setting* terapêutico um campo densamente povoado de personagens fantasmas, tanto do paciente quanto do analista que se comunicam de forma sutil, por meio dos gestos, expressões, movimento dos olhos que compõe toda a trama de comunicação psíquica”. É cheio de falas, sentimentos, memórias, evocações, impulsos que alimentam nossa conversa” (Gambini, 2008, p. 172). É o espaço onde os complexos podem ter voz, visto que “todo mundo tem portanto uma necessidade eterna de uma conversa com a mãe” (Gambini 2008, p.168), e o analista é o receptáculo transferencial dos conteúdos inconscientes originários, representados pela imago materna. Gambini ao referir-se à mãe esclarece que ela representa um personagem nascido da fantasia do paciente e está a nível arquetípico, e representa o inconsciente enquanto sistema psíquico de origem, de onde nossa consciência se originou um dia.

É nesta relação que podemos processar os resquícios não resolvidos das imagens parentais anteriores. O mesmo acontece com nossas imagens psíquicas produzidas nas diversas relações com nossa família, professores e

¹ Jung denomina o estágio da terapia da transferência como “*objetivação das imagens impessoais*”. É uma parte essencial do processo de individuação. Seu objetivo é desprender a consciência do objeto para que o indivíduo não coloque mais a garantia de sua felicidade ou mesmo de sua vida em fatores externos, quer se trate de pessoas, ideias ou circunstâncias, mas sim que ele tome consciência de que tudo depende de fato de ele alcançar ou não o tesouro” (Jung OC 18/1 § 377).

outras autoridades com quem convivemos desde nosso nascimento e que passam a constituir também a nossa sombra².

Quando o paciente chega no *setting* terapêutico, essa sombra encontra espaço para se manifestar, cujas imagens vão se tornando mais aparentes e, no decorrer da análise, a percepção se expande.

No processo analítico, muitos complexos são constelados e, conseqüentemente, a visão psicológica de nossos comportamentos se torna mais lúcida. Esta lucidez evoca no paciente questionamentos sobre a relação terapêutica. Quando esta discriminação leva o paciente a decidir sobre o encerramento desse processo terapêutico, compreendo que o processo atendeu as necessidades, no sentido de o paciente ter conseguido sua autonomia, para se desvencilhar daquilo que o tornava impotente. Muitas vezes o rompimento da análise se faz necessário. Talvez seja este o momento em que o paciente tenha aprendido a se relacionar com sua alma. Relembrando Jung, “a alma, provavelmente, não se importa com as nossas categorias de realidade. Parece que para ela é *real* tudo o que antes de mais nada é *eficaz*” (Jung OC 16/1 § 111). Como a alma também tem a capacidade de se metamorfosear, torna-se esse o momento de voar.

O rompimento da análise pode-se dar por inúmeros fatores como: cura, autonomia, limite do analista, resistência, etc., mas qualquer um desses fatores, podem implicar no fim de um processo terapêutico.

Seria este um momento de cura? Segundo Jung (2009, § 11), “cura significa transformação”. Se o paciente se sente seguro para distanciar-se do processo terapêutico, de certa forma podemos dizer que esta relação proporcionou recursos psicológicos que o levou a esta livre escolha.

Nesses casos, nem sempre podemos dizer que a análise não foi adequada. O analista, muitas vezes, empresta sua personalidade para que o paciente possa testar suas dificuldades, e, também, superá-las, quando existe o vínculo da transferência, o que não significa dependência.

² Para Jung, “uma pesquisa mais acurada dos traços obscuros do caráter, isto é, das inferioridades do indivíduo que constitui a sombra, mostra-nos que esses traços possuem uma natureza emocional, uma certa autonomia e, conseqüentemente, são de tipo obsessivo, ou melhor possessivo” (Jung, OC 9/2 § 15).

Este espaço, portanto, deve ser um local onde o analisando possa se sentir à vontade para expor seu jeito de estar no mundo e o que gostaria de melhorar. O analista, por sua vez, segue junto, lado a lado, sem posição de poder e sem querer mudar a direção, quando não for à vontade do atendente, considerando que “o terapeuta não é mais um sujeito ativo, mas ele vivencia junto um processo evolutivo individual” (Jung, OC 16/1, §7).

O conteúdo de uma análise deve emergir do inconsciente do paciente e isso requer tempo e paciência. Fazendo uma analogia com um ferimento no corpo, este tem condições de se regenerar sem precisar de medicamentos, apenas mantendo a higiene e não recebendo agressões externas. Assim, o tecido vai se recompondo de dentro para fora. Pode-se compreender que da mesma forma acontece com a cura emocional, cuja regeneração transita do inconsciente para a consciência. O analista deve servir de receptáculo para receber o que vem do inconsciente de seu paciente e ampará-lo, apenas no tempo em que este não tiver estrutura para compreender. Isso acontece porque, “no processo evolutivo individual, o inconsciente passa a ocupar o primeiro plano” (Jung, OC 16/1 § 12), portanto, o analista somente deve observar a direção que o inconsciente aponta, pois este é o comandante do voo e o analista simplesmente o copiloto.

Nesse sentido, Jung (OC 16/1, § 2), ao descrever a sua experiência, afirma que “[...] se eu estiver disposto a fazer o tratamento psíquico de um indivíduo, tenho que renunciar a minha superioridade no saber, a toda e qualquer autoridade e vontade de influenciar”, pois o processo pertence ao paciente e o analista deve acompanhá-lo com toda devoção e respeito, sem o intuito de direcioná-lo. No setting terapêutico não há lugar para o poder. Em outra perspectiva, Gambini (2008, p.170), mostra que “você às vezes tem que matar uma *imago* parental muito negativa, mas você mata a *imago*, não o arquétipo [...]. Mas você pode matar o complexo terrível, que seria o funcionamento e o efeito daquela mesma *imago*”.

Se o problema mais emergente no desenvolvimento do paciente é o medo de autoridade, ao perceber sinais sutis de poder na dinâmica terapêutica e tomar a decisão de romper a análise, pode-se considerar que o processo o levou a esta superação. Neste caso, a análise cumpriu o seu papel, pois permitiu que o

paciente fecundasse seu próprio óvulo, gerando um sujeito livre dos complexos que o aprisionavam.

Este é o momento, na linguagem alquímica, da *separatio*, cujo objetivo, segundo Edinger (2006, pag. 218), “é alcançar o indivisível, isto é, o indivíduo”. Ou seja, nas palavras de Jung (2009), “tornar-se o que é”, uma meta da individuação. O paciente, neste estágio, sai da participação mística e se percebe como um indivíduo.

Na alquimia, a etapa que se sucede após a *separatio* é a *coniunctio*³, “ponto culminante da *opus*” (Edinger, 2006, p. 227). Seguindo essa mesma ideia, o autor explica que, “o objetivo da *opus* é a criação de uma entidade miraculosa que recebe vários nomes como ‘Pedra Filosofal’, ‘Nosso Ouro’, ‘Água Penetrante’, ‘Tintura’ etc.”, portanto, pode-se compreender a entidade miraculosa como “sou toda a obra e toda ciência oculta-se em mim” (Edinger, 2006, p. 231). Com essa visão, a verdade oculta-se no inconsciente e o objetivo da análise é a união dos opostos que vai criar essa “identidade miraculosa” citada por este autor. Portanto, é preciso deixar nascer o novo para que surja a *coniunctio*. Em uma analogia, o analista está no lugar do parteiro, aquele que assiste e auxilia o parto, mas o parturiente, isto é, o analisando é quem enfrenta a dor do parto. Um parto sem assistência, também pode acontecer, porém com a solidão. Quando o parto é bem assistido e o nascituro é bem recebido, o mundo passa a representar um lugar acolhedor. É disto que o paciente precisa.

O processo terapêutico, na psicologia analítica, passa por várias etapas: “a confissão, o esclarecimento, a educação e a transformação” (Jung OC 16/1, § 122). Entende-se que, na etapa de transformação, o paciente já encontrou uma certa autonomia, suficiente para tomar decisões, inclusive encerrar seu próprio processo analítico, se isto significar uma atitude necessária para sua individuação.

É importante enfatizar que a relação entre analisando e analista deve ser imparcial e desprovida de outros envolvimento pessoais, para não gerar constrangimento, quando este rompimento se fizer necessário.

³ Segundo Jung, “a expressão coniunctio usada frequentemente para designá-la significa, antes de mais nada, aquilo que hoje chamamos de ligação química e aquilo que atrai os corpos a serem ligados entre si e hoje é chamado afinidade” (Jung OC 16/2, § 353).

Um certo distanciamento entre paciente e analista na vida cotidiana, favorece esta decisão, e pode evitar sentimentos pessoais desagradáveis, em ambas as partes.

É importante que ambos entendam que a psicoterapia, conforme Jung (OC 16/1, § 1) esclarece, é “um procedimento dialético” e “a pessoa é um sistema psíquico, que, atuando sobre outra pessoa, entra em interação com outro sistema psíquico”, onde muitos complexos são constelados tanto do paciente quanto do analista. Há, portanto, além da relação egóica, uma relação inconsciente que mesmo sem a percepção consciente, atua no campo sutil de forma silenciosa, porém eficaz. É a linguagem da alma que ressoa sem precisar verbalizar. É nesta dinâmica que pode ocorrer a contratransferência e, consequentemente, o fim da análise.

Considerações finais

O fim de um processo analítico com determinado analista, não significa que o processo de individuação tenha chegado ao fim, até porque este nunca termina. A alma de natureza “fugidia” busca seu próprio movimento que o ego não consegue detê-lo. As vezes a alma busca uma pausa rumo à solidão para viver sua autenticidade, ressignificar sentimentos e reorientar o ego.

O objetivo da análise é libertar a alma das prisões que limitam o pleno desenvolvimento do indivíduo. Nem o analista nem o analisando sabem, em princípio, o que vão encontrar neste caminho de autoconhecimento

Com o decorrer do tempo, a análise vai para níveis mais profundos e, às vezes, fenômenos arquetípicos interferem na relação psíquica paciente e analista, causando um colapso na dinâmica transferencial. Este é um momento em que se instala uma apatia durante as sessões até que o paciente não tenha mais estímulo para continuar. Nesse sentido, o inconsciente, o que comanda o voo, faz uma parada forçada. Há, portanto, uma sabedoria que ultrapassa os limites do ego e que precisa ser respeitada. É o que antecede à última sessão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

EDINGER, F. E. **Anatomia da Psique**. São Paulo: Editora Cultrix: 2006.

GAMBINI, R. **A Voz e o Tempo – Reflexões para Jovens Terapeutas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

JUNG, C.G. **A Prática da Psicoterapia**. Vol. XVI/I das Obras Completas. Petrópolis: Ed. Vozes, 1981.

JUNG, C.G. **Aion Estudos sobre o Simbolismo do Si-Mesmo**. Vol. IX/2 das Obras Completas. Petrópolis: Ed. Vozes, 1988.

JUNG, C.G. **Ab-Reação, Análise dos Sonhos, Transferência**. Vol. XVI/2 das Obras Completas. Petrópolis: Ed. Vozes, 1999.

JUNG, C.G. **A Vida Simbólica**. Vol. XVIII/1 das Obras Completas. Petrópolis: Ed. Vozes, 1997.

LUCONI, N. **Avessos**. Porto Alegre RS: Artes e Ofícios Editora, 2023